

Dossiê: Gênero, deslocamentos e fronteiras no/do mundo contemporâneo

## *Uno nunca regresa como sale: a viagem das palenqueras com os doces*

Maíra Samara Freire

Doutora em Antropologia Social – Museu Nacional/UFRJ  
Pesquisadora associada ao NUSEX (Núcleo de Estudos em  
Corpos, Gêneros e Sexualidade)/UFRJ  
Membra do Comitê Antropólogos/as Negros/as da ABA  
(Associação Brasileira de Antropologia).

### RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa etnográfica no período vivenciado com sete mulheres negras oriundas de San Basilio de Palenque, que em função de sua atividade laboral com doces, estavam em Bucaramanga, cidade localizada em Santander, Colômbia. Neste trabalho, procuro entender sua agência social e os desdobramentos dessa experiência. A tentativa é a de acompanhar o movimento das mulheres em circulação com os doces, e assim pensar nos fluxos, nos deslocamentos, nas interações e nos significados desta atividade em termos das relações de gênero, trabalho, raça e classe social, apontando o comércio como o lugar da experiência de luta, de trabalho e de sobrevivência das mulheres negras na diáspora africana.

**Palavras-chave:** Palenqueras; Raça; Trabalho; Antropologia das relações raciais.

## ***Uno nunca regressa como sale: the traveling of Black Colombian Women with their candies on sale***

---

### **ABSTRACT**

This article results from an ethnography during the period experienced by seven black women from San Basilio de Palenque, who, due to their work activity with sweets, were in Bucaramanga, a city located in Santander, Colombia. In this paper I try to understand its social agency and the consequences of this experience. The attempt is to follow the movement of women in circulation with sweets, and thus think of the flows, displacements, interactions and meanings of this activity in terms of gender relations, work, race and social class pointing the trade as the experience of struggle, work and survival of black women in the African diaspora.

**Keywords:** Palenqueras; Race; Work; Anthropology of race relations.

## ***Uno nunca regressa como sale: la travesía de las palenqueras con los dulces***

---

### **RESUMEN**

Este artículo es el resultado de una etnografía en el período experimentado con siete mujeres negras de San Basilio de Palenque, quienes, debido a su actividad laboral con dulces, se encontraban en Bucaramanga, una ciudad ubicada en Santander, Colombia. En este artículo trato de entender su agencia social y las consecuencias de esta experiencia. El intento es seguir el movimiento de las mujeres en circulación con dulces, y así pensar en los flujos, desplazamientos, interacciones y significados de esta actividad en términos de relaciones de género, trabajo, raza y clase social que apuntan al comercio como el experiencia de lucha, trabajo y supervivencia de mujeres negras en la diáspora africana.

**Palabras clave:** palenqueras; raza; trabajo; antropología de las relaciones raciales.

*Nunca había demorado y que así meses. Bueno, aunque yo no quería demorar esa cantidad de meses, me quería venir antes porque yo decía: ¡ay! No. Pero Flor me decía: no, quédese, no se desespere, no se vaya, que espere, que espere, que espere...*

Abro este artigo com a fala da mulher negra palenquera Catalina ao me relatar sua experiência durante a sua atividade laboral na cidade de Bucaramanga, na região andina, capital do departamento de Santander, Colômbia. O intuito deste preâmbulo é apresentar o contexto de vida de sete palenqueras<sup>1</sup> que exploraram o interior do país, em função da comercialização de doces<sup>2</sup>. Para viajar a lugares mais longínquos e fazer vida em outra cidade, essas mulheres organizam estratégias de estabilidade e sobrevivência, optam por estar próximas umas das outras, partem de suas casas para viver de forma coletiva. Nessa nova realidade alugam casas, dividem as rotinas domésticas, compram os insumos, realizam todas as negociações para manter sua existência e dignidade social. É esse cenário de uma vida em outra cidade que pretendo explorar.

As mulheres que foram as interlocutoras deste trabalho são oriundas da comunidade San Basílio de Palenque, localizado no município de Mahates, no estado de Bolívar, na Colômbia, distante sessenta quilômetros da cidade de Cartagena de Índias, região do caribe colombiano, capital do departamento de Bolívar. Esse agrupamento negro foi pioneiro nos primeiros pactos de paz da Colômbia, convertendo-se no primeiro território negro livre da América devido a um acordo de não agressão mútua, firmado entre a Coroa Espanhola e os moradores locais em 1713 (ARRAZOLA, 1970). Em 25 de novembro de 2005, foi declarado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco. San Basílio de Palenque ocupa um lugar de destaque na presença de afrodescendentes na Colômbia.

Palenque de San Basílio se assemelha às chamadas comunidades quilombolas no Brasil, que são territórios negros em sua maioria rurais, que apresentam características históricas e simbólicas particulares, um trato especial em relação ao uso do território e descendem de uma ancestralidade negra, possuindo um legado histórico de luta e defesa de seus territórios. O interesse por realizar uma investigação em San Basílio e com mulheres negras recupera minha trajetória anterior de trabalhos com comunidades quilombolas, juventudes e mulheres quilombolas<sup>3</sup> no Brasil, particularmente no Estado do Rio Grande do Norte. Dessa investida, amplia-se o horizonte na tentativa de compreensão de outros contextos negros diaspóricos na luta por uma existência cotidiana.

Este artigo pretende analisar a vivência do tipo de trabalho realizado por mulheres negras palenqueras, entender sua agência social e os desdobramentos dessa experiência. A tentativa é acompanhar o movimento das mulheres em circulação com os doces e, assim, pensar nos fluxos, nos deslocamentos, nas interações e nos significados dessa atividade em termos das relações de gênero, trabalho, raça e classe social. Assumindo que a raça e o gênero estão inexoravelmente conectados à oportunidade ocupacional (BRANCH, 2007, CARNEIRO, 1995), pretendo articular como gênero e raça são vivenciados através dos corpos em movimento dessas mulheres negras. Nesse sentido, procuro analisar a especificidade da atuação das *dulceras* de San Basilio de Palenque, pois acredito que elas passam a desempenhar papéis e posicionamentos cruciais dentro e fora da comunidade.

É necessário afirmar que gênero e raça são categorias ou construções sociais e a inter-relação entre elas se reconstitui em diferentes processos históricos. É na interseção entre gênero e raça que este artigo tem interesse. A correlação entre gênero e raça provocou o que Sueli Carneiro (2003) denomina de subalternização do gênero segundo a raça: em primeiro lugar estaria o homem branco, em segundo a mulher branca, em terceiro o homem preto e, finalmente, a mulher preta. Em Palenque, gênero está se fazendo o tempo todo a partir da divisão do trabalho, dos tempos e espaços de sociabilidade e dos parceiros com os quais compartilham a sociabilidade.

Situa-se nas análises do feminismo negro a reflexão sobre as condições de gênero que são experimentadas de formas diferenciadas pelas mulheres negras, índias e brancas. A conceituação do feminismo negro traz para o debate um passado histórico experimentado de forma violenta em razão do racismo, prevalecendo a ênfase na diversidade interna dos gêneros femininos e na compreensão histórica dos efeitos do racismo no cotidiano das mulheres afrodescendentes (HILL COLLINS, 2012; LORDE, 1984; DAVIS, 2005; GONZALEZ, 1984; HOOKS, 1990; 2000; BAIRROS, 1995; CARNEIRO, 2005; WERNECK, 2005).

Ao examinar os fatores das complexidades das relações informais de trabalho das mulheres negras, a socióloga Winnifred Brown-Glaude (2011) realiza uma análise sobre o papel da informalidade da economia vivenciada por dois grupos de mulheres negras na Jamaica, em especial sobre as suas imagens públicas e autoidentificações e interações com as comunidades locais e estaduais. Defende que as representações públicas de “*bigglers*” e seus corpos expõem uma construção de raça, classe e gênero, e que essas representações afetam as experiências de trabalho dessas mulheres na economia informal

e ajudam a reproduzir uma ordem social e espacial presumida (BROWN-GLAUDE, 2011, p. 3). A argumentação da autora é que, ao circularem por diversos espaços dentro da cidade, as formas em que corpos e espaços são imaginados economicamente também são fatores para a avaliação de certos grupos como estando “fora de lugar”. A própria presença dos “*bigglers*” afro-jamaicanos coloca essa questão de pertencimento, na maneira como essas empreendedoras informais lutam por espaço na cidade para vender os seus produtos.

Na verdade, negros pobres que trabalham como vendedores de rua em espaços públicos, muitas vezes desencadeiam discussões em torno de sua legitimidade como empresários. Essas mulheres estariam “out of order”, “out of place”, e tais representações revelam a suposta violação de fronteiras sociais, econômicas e espaciais, de inclusão e exclusão não só de gênero, mas também raciais e de classificação. O trabalho de outra feminista negra, Patricia Hill Collins, “Black Feminist Thought” (2000), também informa que as mulheres afro-americanas sempre tiveram que trabalhar e muitas vezes o fizeram em ambientes de trabalhos difíceis. A partir das vivências de séculos de exigência de trabalho, estas passaram a se configurar como marcas constituintes da sua criação e existência como sujeitos.

No livro de Katherine Browne (2004) sobre economias *creole*, a autora discorre sobre os contrastes entre mulheres e homens na economia da Martinica, explorando as diferenças dessas implicações para a compreensão de como as mulheres e os homens procuram fomentar suas identidades crioulas de forma distinta, com base nas categorias de “reputação” e “respeitabilidade”, e demonstrando de que forma esses valores *creole* moldam o comportamento econômico nesse país. Assim, Brown lança luz sobre a diferenciação de valoração para a sensibilidade econômica entre homens e mulheres construída no período da escravização e que apresenta ressonância nos dias atuais. É um caminho útil para problematizar minha pesquisa por suas similitudes com situações encontradas no campo, especialmente em relação ao fato de que os percursos de uma mulher negra palenquera para a independência econômica estão ligados à preocupação com seus filhos e sua casa, o que foi uma constante afirmação acionada por elas ao longo da investigação. Sobretudo, pode ser de grande utilidade para também perceber a importância econômica das mulheres na unidade doméstica.

A questão do trabalho das palenqueras está presente no decorrer do artigo e também se trata de um tema fundamental para o feminismo negro, que desde sua formação tem sido uma bandeira de luta dentro do movimento feminista como um todo.

Se trabalhar fora de casa era uma reivindicação das feministas brancas porque o lar era pensado como um lugar de opressão, as feministas negras reclamam que as mulheres negras (assim como para as mulheres “de cor”: chicanas e provenientes do terceiro mundo) sempre trabalharam (especialmente levando em conta o contexto histórico da escravidão). bell hooks (2000) e Patrícia Hill Collins (2012) têm falado sobre as longas horas de trabalho das mulheres negras fora de casa em troca de salários baixos e, ainda, assumindo o trabalho doméstico de suas próprias casas. Assim, a ideia de “sair do lar para trabalhar” como forma de libertação não era uma utopia que as contemplasse. A este respeito, Angela Davis (2016, p. 17) menciona:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.

Em sua pesquisa, María Borges (2001) mostra que as vendedoras de peixe em Guiné-Bissau, por exemplo, elaboram estratégias marginais e ambíguas para sobreviverem e promoverem a sua mobilidade social. As práticas econômicas das comerciantes de peixe são oportunidades para explorar as modalidades e os processos de inserção das mulheres na economia urbana e informal e os motivos sociais e econômicos que as levam a investir no informal, o que permite vislumbrar as lógicas e práticas que caracterizam a entrada e o comportamento das mulheres neste setor, resultantes das iniciativas e estratégias que elas aí desenvolvem (2001, p. 51).

Ao pensar as mulheres como agentes indutores da mudança social, a economia informal se torna o lugar social propício para o desenvolvimento desta mudança. O comércio no setor informal surge como a maneira de maior acesso porque exige pouco em termos de capital e formação e oferece proveitos mais rentáveis.

No breve informe de Edith Márquez Reyes (1992), intitulado “La mujer negra en Colombia”, a autora aborda a relação de trabalho das mulheres palenqueras em contextos migratórios. Ao sinalizar essa movimentação, remete para a situação social do trabalho das palenqueras e seu lugar de marginalidade social perante as sociedades destacadas:

Numerosas mujeres emigran a las ciudades para trabajar en el servicio doméstico y la “industria” casera. La cual es uno de los principales medios de subsistencia de estas familias en la ciudad de Cartagena y Barranquilla [...] Las actividad de la palenquera hace de ella un ser socialmente activo, pero discriminada en todos los lugares, en el caso concreto de la palenquera en Barranquilla es poco o nada el beneficio obtenido de las reformas conseguidas en la llamada “década de la mujer” la palenquera en nuestra ciudad sigue discriminada, su participación en la actividad organizada es casi nula. Todavía sigue enfrentada a la doble jornada laboral sin un salario fijo y huérfanas de prestaciones sociales. Esta situación hace que la palenquera ocupe en nuestra sociedad posiciones marginales en la relación con las demás mujeres. (MÁRQUEZ REYES, 1992, p. 2).

## Começos, comércio e doces

Nos diálogos com as mulheres procurei mapear o início da atividade com os doces e soube que a atividade econômica principal delas nem sempre se baseou na variedade de doces hoje existentes. Não me será possível aqui precisar com dados históricos pontuais a existência de cada doce na culinária palenquera, mas busco atentar para a memória das pessoas mais idosas da região. Quando questionei a esse respeito, recebi como resposta que os doces *sempre* estiveram presentes na culinária de Palenque, sobretudo as *alegrías* (que serão descritas a seguir), bem como os doces que são feitos e consumidos durante a Semana Santa. As mulheres com as quais dialoguei lembram que desde pequenas os doces já faziam parte da culinária familiar, embora a sua comercialização venha ocorrendo nas últimas seis décadas, pois anteriormente as mulheres se envolviam em outros tipos de atividades comerciais, sobretudo a venda de frutas, peixe, arroz ou tubérculos. Alguns desses produtos derivavam da plantação em Palenque, cultivados pelos homens e comercializados por elas.

Os antropólogos Nina S. de Friedemann e Richard Cross (1979), no livro *Ma ngombe: guerreiros y ganaderos em Palenque*, ao realizar um exame sobre as práticas sociais palenqueras desde o período colonial até a data da realização do trabalho de campo, informaram sobre a problemática do trabalho das mulheres palenqueras:

El hecho de que las mujeres palenqueras hayan encarado el mundo externo a su comunidad desde muy temprano, en el marco de la venta de productos, mientras que los hombres producen el ñame, la yuca, preparan la roza y cuidan los ganados en el monte, ha propiciado entre el mundo blanco y moreno de la región la imagen de una comunidad negra sustentada primordialmente por el

trabajo de las mujeres. El escrutinio cuidadoso del trabajo de hombres y mujeres en Palenque desfigura tal imagen que hace parte del estereotipo que han esgrimido las clases dominantes sobre los grupos negros en el proceso de su discriminación socio racial. (Friedemann, Cross, 1979, p.63.).

Na década de 1930, os homens palenqueros eram tradicionalmente agricultores, e as mulheres da família (mãe, esposa, filhas, sobrinhas) eram encarregadas de comercializar os produtos nas praças dos mercados públicos das cidades vizinhas de Palenque, como: Cartagena, El Carmem, El San Juan, Mahates, Arjona, Turbaco. Nessa mesma década se deu a migração de um grupo composto por nove mulheres, algumas acompanhadas dos maridos e filhos, sobretudo familiares pertencentes à família Cañates, que se dedicavam à comercialização em Cartagena dos produtos cultivados no monte, como manifestado pelo historiador palenquero Fredman Padilha em entrevista a mim concedida em março de 2016. Houve transformações ao longo dos anos em relação aos produtos cultivados (como foi o caso do arroz) e comercializados e no que diz respeito aos locais de venda, âmbito este que acumulou casos de perseguições pelo Estado<sup>4</sup>.

Um início da atividade comercial na cidade de Cartagena teve lugar em meados da década de 1930 no antigo mercado da cidade, onde hoje se localiza o Centro de Convenções, comenta Fredman Padilha. Nesse espaço, as mulheres vendiam frutas e verduras. A partir da década de 1970 registram-se outros grupos de mulheres circulando entre os bairros para vender. Já na década de 1980, elas também comercializavam e circulavam nas praias de Cartagena de Índias, especialmente nas mais turísticas: Playa Blanca, La Bonquilla e Bocagrande, que eram e continuam sendo cenário de comércio de frutas e doces e de outros empreendimentos laborais para as mulheres palenqueras, como o oferecimento de massagens corporais aos turistas ou a feitura de tranças nos cabelos com pedrinhas coloridas, conhecidas na região como chaquiras.

O início do trabalho para cada mulher tem momentos e motivações diferenciadas, mas é possível afirmar que o desejo principal foi e é a busca por recursos econômicos e, assim, melhoria na qualidade de vida pessoal e familiar. Iniciaram o trabalho quando solteiras, já casadas ou mesmo grávidas, em sua maioria ainda jovens. Além de responder à busca por renda e sobrevivência da maioria, entre as mulheres mais jovens, hoje em dia, a venda de doces oferece a oportunidade de investimento na escolaridade, no pagamento de seus estudos universitários, seja em faculdades privadas ou públicas. As mulheres mais jovens e solteiras trabalham também para ajudar suas mães.



O que eu percebo é que há uma realidade de economia formal por um lado, de poucos acessos a trabalhos estáveis e bem remunerados, que faz com que os palenqueros homens e mulheres vivam numa perpétua viração laboral para garantir seu sustento. Por outro lado, há uma exaltação do papel das mulheres, que faz com que elas sejam protagonistas nessa luta pela sobrevivência. Isso se junta a uma tradição de busca de autonomia, que as leva a empreender trabalhos cansativos, mas nos quais sejam “donas” de seus ganhos.

Por sua vez, acredito que o trabalho dos homens, por ser realizado de madrugada e na roça, acaba sendo menos visível e menos público para a sociedade no mundo afora. O trabalho delas, ao contrário, é visível e transborda a comunidade para espriar-se pelas ruas, praças e praias de distintas cidades. É o trabalho delas que todo mundo vê e/ou ouve.

No processo de acompanhar os percursos das mulheres por cidades distantes de San Basilio e de Cartagena, a pesquisa etnográfica se concentra no período vivenciado com sete mulheres que, viajando para vender seus doces, alugaram coletivamente uma pequena casa na periferia de Bucaramanga, cidade localizada em Santander, estado que faz fronteira com a Venezuela. Essa cidade foi a primeira capital que elas escolheram para desbravar ao longo de três décadas. O sair para trabalhar e não retornar é motivo de uma tensão constante, assim como os inúmeros casos de assédios sexuais e discriminações raciais pelas ruas de outra cidade. Posteriormente, desloco a atenção para o tempo específico do retorno para casa e os acontecimentos que envolvem esse retorno. É nesse momento emblemático que o corpo passa a sentir os efeitos do esforço e da caminhada, chegando-se, então, ao tempo das doenças.

Essas idas e vindas são permeadas pelos riscos das circulações, que incluem assédios e práticas racistas e, inclusive, morte e desaparecimento. Após meses distantes dos familiares, o retorno das palenqueras é sempre muito aguardado, pois além de sua presença em seus lares ofertando afeto, elas trazem consigo uma infinidade de produtos alimentícios, de vestuário, presentes e dinheiro. Naquele momento, quando retornam, desfrutam de um breve descanso em seus lares, permeado pela sociabilidade entre familiares e amigos.



Fotografia 1: Catalina e sua bacia de doces, Bucaramanga. Março, 2016. Acervo de pesquisa.

### ***Mirando en el mapa: desbravando o país***

Numa calorosa tarde de sábado em San Basílio em frente à casa de Flor Maria, uma senhora de 57 anos, dona de casa, que já trabalhou vendendo doces e frutas na Venezuela e também em Bucaramanga, sentei-me para conversar com Josefa Hernández, uma jovem palenquera e cientista política<sup>5</sup>, que me contava sobre a sua experiência com o universo dos doces. Além de relatar a sua trajetória familiar com esse tipo de trabalho, ela sinalizou que o deslocamento das mulheres palenqueras para cidades distantes de Palenque se deu a partir de uma olhada no mapa colombiano, isto é, *mirar en el mapa* funciona como dispositivo para iniciar o movimento de desbravar o país. Josefa diz:

Entonces allí empezaron a salir, algunos salían inclusive sin saber para donde iban porque no conocían el interior del país por ejemplo, entonces, comenzaban a mirar en el mapa. ¡Miraban en el mapa! [Sorpresa] La primera ciudad en la que empezaron a ir fue Bucaramanga. Cuando empezaron a ir en Bucaramanga yo decía ¡huich! Tan lejos, como está de lejos Bucaramanga. Porque, o sea, no pasaban de Cartagena, Barranquilla y las comunidades de aquí cerca, entonces el primer grupo se fue a Bucaramanga y luego de ahí empezaron a irse a ciudades cercanas. (Josefa Hernández, entrevista, Palenque, 06/05/2016).

A primeira cidade escolhida pelas mulheres palenqueras foi Bucaramanga (capital do departamento de Santander), circularam por Cúcuta (capital do Norte de Santander, cidade na fronteira com a Venezuela), Pamplona (município do Norte de Santander), Bogotá (capital da Colômbia), Fusagasugá (departamento de Cundinamarca, a 59 km de Bogotá), Medellín (capital do departamento de Antioquia), Cauca, Apartadó, Carepa, Chigorodó (municípios do departamento de Antioquia), Montería (capital do departamento de Córdoba), Tierra Alta (município do departamento de Córdoba), Villavicencio (capital do departamento de Meta), Yopal (capital do departamento de Casanare), Tunja (capital do departamento de Boyacá), Sogamoso (município do departamento de Boyacá), Ibagué (capital do departamento de Tolima), Neiva (capital do departamento de Huila), Pitalito (município do departamento de Huila), Riohacha (capital do departamento de La Guajira), Arauca (capital do departamento de Arauca) e Popayán (capital do departamento de Cauca).

As cidades próximas de San Basílio que percorreram são: Cartagena (capital do departamento de Bolívar), Turbaco, Arjona, Malagana, El Viso, El Carmen de Bolívar, Santa Rosa de Lima (todos municípios de Bolívar), Barranquilla (capital do departamento do Atlântico) e Sincelejo (capital do departamento de Sucre). As capitais dos departamentos colombianos serviram como ponto de partida para explorar os municípios vizinhos: se estavam em Bucaramanga, poderiam ainda explorar o interior do departamento de Santander se deslocando para Barrancabermeja, Floridablanca ou Carmen, localizadas a duas horas de distância de Bucaramanga. Elas chegaram a trabalhar também em outros países, como a Venezuela, nas cidades de Caracas, Barquisimeto, Ojeda, Bachaquero, San Félix, Mérida e em Maracaibo (fronteira entre Colômbia e Venezuela), e em Equador trabalharam em Quito (capital do país) e em Imbabura.



Figura 1: Doces caminhos. Localização das principais cidades percorridas. Acervo de pesquisa.

As trajetórias das mulheres mais velhas da comunidade no desbravamento pelas cidades colombianas são decorrentes também das questões alimentares e de saúde dos clientes. Quando os doces chegam a uma nova localidade costumam despertar curiosidade por serem novidade, o que faz com que as vendas fluam. Com o passar dos anos de consumo, as interdições alimentares geralmente prescritas por médicos serão sentidas. Aqui, a questão da saúde e o alto índice de glicose no sangue vão limitar a venda dos produtos. Muitas vezes, caminhando com elas, era recorrente ouvir: “hoje não, meu médico proibiu”, “o médico disse que não posso comer mais doces”, frases ditas pelos antigos consumidores que sinalizam os interditos. É claro que essas frases podem ser utilizadas como justificativas joviais para negar a compra de doces num dia em que não se deseja comê-los, mantendo-se, simultaneamente, a educação com as vendedoras as quais já são conhecidas há um bom tempo.

Nesse sentido, a venda é *dañada*, e quando esta se *daña*, elas procuram outros consumidores; nessa busca pelos novos clientes, vão alargando a abrangência territorial do trabalho:

Cuando ya se fue dañando la venta por allá, si tocó coger por estos lados lejos [...] ya las ventas no fueron las mismas, ya todo el mundo tiene azúcar [diabetes], no quieren comer dulce, y así se fueron decayendo las ventas. Tocó salir a expandir estos dulces por otras partes que no lo conocían, entonces ahí nos quedamos nómadas. Hoy estamos acá, mañana estamos en Palenque, o si no quiero venir pa' cá me voy para Montería, me voy pa' Sincelejo y así. (Bernada Hernández, entrevista, Bucaramanga, 10/03/2016).

As palavras de Bernada, casada, 45 anos, “*nos quedamos nómadas, hoy estamos acá, mañana estamos en Palenque*”, refletem sobre a tessitura desse trânsito. As vendas, ao se tornarem fracas, exigiam que estas mulheres explorassem outras cidades que não conheciam de antemão, cidades que apresentam clima, pessoas, recursos e lógicas distintas das suas, cidades em sua maioria urbanizadas que contrastam fortemente com a realidade em que vivem em San Basílio. Aos poucos, elas foram adentrando em cidades grandes, em pequenas, em bairros, nos povoados, foram se espraiando:

Bueno, yo trabajé la primera vez que fui, estuve en Caucasia. La primera vez que salí, salí con una cuñada y una amiga, me llevó para Caucasia [Antioquia], bueno allá estuve un mes. Cuando comenzamos a salir para otras partes uno no se demoraba un mes, íbamos por 15 días, por 20 días, que la gente como no conocía el producto eso se vendía, bueno se cogía platica y ya. Enseguida se iba porque uno tenía platica pa' esto, pa' los niños, le compraba ropa, le comprábamos zapatos, le comprábamos un poco de comida y íbamos, pero ya después se dañó eso también por allá. Bueno fui a Caucasia, de Caucasia me vine para Sincelejo, de Sincelejo fui a Montería, de Montería fui a Tierra Alta que queda en el departamento de Córdoba, en Ibagué también estuve. Me tocó ir hasta Venezuela, en Venezuela aguanté como cuatro años pero no estabilizada así como aquí, iba y venía. (Bernada Hernández, entrevista, 10/03/2016).

As idas para outras regiões do país não se dão de forma solitária. As viagens são realizadas com outras companheiras, que podem ser parentes, amigas ou comadres, como diz Yosáin, casada, 37 anos, “*siempre salimos en grupo, en grupo de mujeres, nunca, nunca, nunca lo hacemos solas*”. Uma das primeiras ações quando chegam nestes locais é a busca de uma casa para alugar, que possa comportar diversas mulheres e que tenha infraestrutura mínima. Depois, procuram saber onde se localiza o centro comercial da cidade, desta forma exploram os locais possíveis de venda e buscam os futuros fornecedores de matérias-primas. Realizam o trabalho de conhecimento do território

perguntando aos moradores locais onde poderiam alugar uma casa, onde é possível comprar as matérias-primas em grandes quantidades pelo melhor preço. Elas lembram que a procura por moradia é um labor difícil que nem sempre dá resultados imediatos. Procurando um imóvel a pé, muitas vezes “davam um susto” nos moradores dos bairros, pessoas desconhecidas e majoritariamente brancas, que não compreendiam o que fazia um bando de mulheres negras batendo de porta em porta: “*salimos muchas veces golpeando las casas de las personas para que nos alquilaran una casa. Algunos se asustaron porque éramos siete mujeres llegando juntas. Mucha gente se burlaba de la gente, nos discriminaban haciendo bromas*”, apontou Flor María. Diversas delas, enquanto não encontravam moradia, dormiam no terminal rodoviário da cidade.

Cada casa é alugada por de quatro a oito mulheres, número que pode oscilar para mais ou para menos. Geralmente essas casas estão localizadas nos bairros periféricos da cidade. Quando acompanhei um destes grupos, a casa na qual residíamos se situava em uma zona periférica de Bucaramanga, mas apesar de periférica era estratégica e central para os deslocamentos diários. Do lado direito de onde vivíamos se localizava a casa da vizinha e proprietária da nossa casa, e na parte da frente as duas residências se encontravam com uma escadaria que comunicava com outras casas. Também do nosso lado havia uma paróquia de uma igreja católica. Na esquina da “casa das palenqueras” encontramos um pequeno comércio e a sua frente se localiza a pista central onde costumávamos pegar os taxis para os deslocamentos. Nos últimos cinco anos, alguns esposos têm viajado com suas mulheres. Durante minha pesquisa não encontrei casos que correspondessem a essa realidade, embora algumas das minhas interlocutoras sinalizassem que homens tinham começado a acompanhá-las.

Ao sair de Palenque, aquelas que possuem um capital financeiro e produtos iniciais levam o que lhes é possível reunir, como a macaxeira, o milho e o coco, matérias-primas essenciais para se iniciar a produção; também levam consigo os utensílios necessários para a elaboração dos doces, como panelas, facas, colheres, bacias e tábuas de madeira. As primeiras viagens são permeadas por incertezas, renúncia e coragem, e no horizonte está presente o desejo permanente de retornar à casa. A tranquilidade da vida em Palenque vai deixando lugar e abrindo espaço para uma vida agitada e corrida nas cidades. Josefa relembra que em sua primeira ida para a cidade de Barrancabermeja (departamento de Santander) marcava com riscos nas paredes os dias que ainda faltavam para retornar ao povoado: “*pero siempre tiene uno desde el primer momento en que llegas tú estás pensando el día en que te regresas. Yo recuerdo que la primera vez que fui yo hacía rayitas en la pared contaba los días para volver*”. Sua rotina de estudante naquela época contrastou fortemente

com a rotina de um trabalho, em suas palavras, “*súper duro, así que obviamente yo extrañaba la tranquilidad de Palenque*”.

A necessidade de sair é, em princípio, uma questão de sobrevivência social e material, pois visualizaram que a comercialização dos doces para além de sua região poderia lhes proporcionar uma maior possibilidade de acesso aos recursos financeiros. Mas sair é também uma questão de mobilidade social, a qual será sentida através dos filhos. A circulação dessas mulheres para outras regiões têm relação com a entrada de seus filhos na universidade.

Hace unos 20 años también se puede decir que empezó este auge de los palenqueros y palenqueras de empezar a ir a la universidad de una forma muy masiva, entonces obviamente ya los dulces que se vendían por acá simplemente alcanzaban para la alimentación pero no alcanzaban para pagar los estudios de los hijos. Entonces allí empezaron a salir. (Josefa Hernández, entrevista, 06/05/2016).

O tempo é precioso e valioso nesse momento. Elas sabem exatamente os dias de trabalho e os esforços que serão necessários para retornarem com uma situação financeira melhor do que quando chegaram. Catalina diz: “*uno nunca regresa como sale*”, afirmação que apresenta vários sentidos. Um primeiro teria a ver com a questão monetária e os artigos adquiridos durante a permanência na localidade; o segundo, não menos óbvio, diz respeito à experiência e ao conhecimento adquiridos numa viagem que são em vários níveis transformadores; e o terceiro faz referência ao processo de adaptação muito rápido em um contexto distinto: já não são mais as chefes<sup>6</sup> de suas residências e, apesar da irmandade, a vivência com outras mulheres, em condições materiais e espaciais precárias, inevitavelmente gera conflitos, brigas e desavenças. O despertar às 5h da manhã para dar continuidade ao trabalho realizado na noite anterior, o tomar banho e se alimentar às pressas para ter que sair a vender, o clima da nova cidade que pode ser quente ou frio, dependendo da altura, enfim, tudo contrasta com a vivência em San Basilio de Palenque. O trabalho extenuante do dia a dia requer habilidades para lidar com os perigos das ruas: os assaltos, os assédios, os preconceitos. Requer sutilezas para lidar com os clientes, assim como com os vizinhos preconceituosos, para lidar com trocas de serviços com homens que transitam temporariamente por suas casas. O uso do tempo nesse sentido é crucial:

Pero generalmente cuando uno sale, sale con una meta sobre todo de tiempo, me voy a tardar tanto tiempo. Antes de ingresar a la universidad la vez que más

me tardé fueron tres meses pero ya cuando estaba en la universidad me tenía que limitar por el tiempo de vacaciones que tenía, entonces iba por 20 días o un mes. (Josefa Hernández, entrevista, Palenque, 06/05/ 2016).

Esse tempo é variável de acordo com os objetivos e a disponibilidade de cada uma. O menor tempo em outra localidade pode ser de quinze a vinte dias; o período pode se estender de três a quatro meses, havendo casos mais raros de mulheres que residem nessa cidade de forma permanente. Catalina, quando estava prestes a iniciar uma nova viagem, lembrava: *“yo cuando estoy para viajar yo tengo alma”*. Ter alma nesse sentido quer dizer coragem, força, energia, estar imbuída de uma força interior que dinamiza e que, no entanto, se combina com a tristeza.

Me ha tocado hacerlo, me voy muy triste, también con mucho dolor. Bueno, pero a veces tengo que apretar mi corazón y me voy tal día y me voy, me voy. A veces yo digo, yo sé decir: me voy porque yo quiero salir como de este estrés porque me siento como entre la espada y la pared. Porque en esos días que estoy pa’ viajar ni como bien, ni duermo bien. (Catalina Herazo, entrevista, Palenque, 05/04/2016).

O ficar entre a parede e a espada reflete o sentimento dos dias que antecedem as viagens, tensão que influi até mesmo no descanso e na alimentação. A resolução da tensão seria neste caso: sair, circular, viajar. Para Catalina, a falta de dinheiro é um estimulador, pois o valor que reuniu na última viagem se esgotou há semanas, sua filha não está trabalhando com regularidade e o dinheiro que outros filhos lhe enviam não é o suficiente.

*“Cuando yo me iba a vender, Samara, yo lloraba, dejaba a mis hijos y me ponía a llorar, yo iba por todo ese camino llorando, Samara, porque estaban tan pequeños que me daba dolor y lo que hacía era ponerme a llorar”*, me comenta Flor María. A emoção desta fala revela a dualidade deste trabalho: por um lado é necessário garantir recursos para os filhos, por outro, em nome da “responsabilidade” de mãe, essas mulheres precisam “renunciar” momentaneamente às funções dessa nomenclatura no sentido da presença física. É assim que essas mulheres seguem sendo lidas como comerciantes desbravadoras que se capilarizam nos interiores das cidades colombianas e de países fronteiriços, tornando-se nesse processo nômades, destemidas, trabalhadoras em exaustão.



## Bucaramanga: negociam-se doces

No ano de 2002, na versão *online* do jornal nacional *El Tiempo*, surgem as primeiras menções sobre a presença das atividades laborais das mulheres de San Basílio em um veículo de comunicação na cidade de Bucaramanga. Na publicação de 21 de dezembro do ano citado, o jornalista relata:

### **El dulce sabor de la costa**

Recorren la ciudad dejando a su paso olores de coco, piña y caramelo. Las camisetas anchas y las bermudas, cubiertas casi siempre por delantales en los que llevan sus secretos y el sencillo, son su uniforme de trabajo y su escarapela es su voz cadenciosa, que anuncia su llegada al grito de cocadas, alegrías, tamarindos. [...]

Aquí las cocadas gustan mucho, dice Leticia, una joven de 22 años que se vino hace dos meses a probar suerte en Bucaramanga. Atrás quedaron su hijo, su esposo y las playas de su natal Cartagena. Es que toca trabajar, pero la casa de uno es la Costa, afirma. [...]

Alcira [mãe de Letícia, 44 anos] agrega: De la costa yo extraño mis costumbres. ; Aquí en Bucaramanga hay muchos que son buena gente, pero hay algunos santandereanos que sí son mala gente. Ahorita recuerdo que a los dos días de haber llegado estuvo lloviendo muy duro y yo me puse al lado de una venta para pasar el aguacero. Y el señor de la venta salió a decirme que me quitara de su negocio y me retiró. (VEGA, 2002).<sup>7</sup>

Elas estão desde o final da década de noventa em Bucaramanga, capital nacionalmente conhecida pelos seus diversos parques arborizados, com uma área metropolitana que comporta uma população de 1 milhão de habitantes. É uma cidade montanhosa, em que nas partes mais baixas o clima é quente e seco, e temperado nas zonas de maior altitude. Tem uma temperatura média de 23°C e uma média máxima de 30,9 °C. Lembram as mulheres que o clima já foi mais ameno, que fazia frio, e não se caminhava debaixo do sol, diferente do que ocorre hoje, que o sol queima mais do que o de Cartagena, o que se percebe pelas manchas marcadas nos rostos dos habitantes. Bucaramanga se caracteriza também por possuir centros universitários de destaque na Colômbia<sup>8</sup>. Sua população é composta por uma maioria branca, havendo presença de população indígena; pude perceber que em sua grande maioria esse último grupo habitava as ruas, formando as populações de rua. Além disso, Bucaramanga é uma cidade urbanizada dotada de serviços e infraestrutura, diferente de Palenque e de uma parcela extensa da cidade de Cartagena.

Chegamos a Bucaramanga no dia 1º de março de 2016. Fui com Catalina, que dias antes de viajar se sentiu confortável para falar-me sobre sua vida e sobre o trabalho com os doces. Nada naquela noite foi gravado, mas foram ditas palavras que carregam significados muito marcantes para mim e para aquilo que pretendi discutir. Ao se referir ao seu ofício ela disse que a pessoa se torna “escrava dos doces”, pois a mulher estaria o tempo todo trabalhando. O termo “escrava dos doces” despertou minha atenção. Tentei visualizar e meditei a respeito do que tinha observado nas mulheres até esse momento de minha permanência em Palenque, mas aquela frase só fez pleno sentido em Bucaramanga. A ideia de “escavidão” ocasionada pelos doces é organizada no discurso da Catalina a respeito de certas temporalidades. Existe um antes e existe um agora que informam sobre períodos de intensificação do afazer. Para ela, “antes era mais tranquilo”: antes, quando vendia frutas, ela não era “escrava do trabalho” como é agora. Antes assistia televisão, descansava, e hoje tem que ficar o tempo todo cortando, ralando... Na primeira vez que chegou a Bucaramanga, logo depois já queria voltar para Palenque, e Flor a consolava dizendo: “fica aí, falta pouco”. A frase que abre este artigo se refere a esse momento. Com o dinheiro advindo do trabalho da primeira ida a Bucaramanga ela comprou o seu fogão de seis bocas, que trouxe de lá há quinze anos transportado dentro de um ônibus.

No domingo (após a conversa com Catalina), quando eu chego à noite a Palenque, depois de passar o dia todo trabalhando com Sol María em Turbaco<sup>9</sup>, Flor María me confirma que Catalina tinha resolvido viajar no dia seguinte. Cata orientou que eu providenciasse rapidamente um colchonete porque lá não haveria camas, e assim o fiz prontamente, pegando um emprestado na casa de Flor. Viajei com apenas uma pequena mala, um travesseiro e o delgado colchonete. Cata viajou com sua mala, o seu colchonete um pouco mais grosso que o meu e seus instrumentos de trabalho: facas, colheres de pau, bacias de plástico, bacias de alumínio, uma tábua redonda de madeira, duas panelas grandes e algumas *alegrías* feitas nos dias anteriores, que eu e Nayelis, filha de Flor María ajudamos a embolar, ou seja, produzir o doce que possui um formato esférico.

Cada mulher possui facas, panelas, uma colher, uma tábua de madeira (onde são dispostas as cocadas para serem esfriadas) e uma bacia de alumínio. Tudo isso é levado consigo desde San Basílio. Ocorrem empréstimos de utensílios, a exemplo das facas, colheres e também das panelas. Para esses tipos de empréstimos é necessário ficar atenta, pois há insurgência de conflitos pela perda ou não devolução dos objetos. Na casa, não havia talheres “sobrando”, cada uma possuía a sua colher. Recordo que tive que comprar uma colher, um garfo e uma vasilha de plástico para levar minha comida. Há também empréstimos de valores em dinheiro que são devolvidos ao final do dia,

empréstimos de cocadas, *alegrías* e *enyucados* (bolo de macaxeira). Na casa, comumente quem fazia as *alegrías* era Ismenia, uma senhora de 55 anos. Todas “pegavam” *alegrías* com ela para serem devolvidas depois pelo mesmo produto ou pelo pagamento. Um dia em que uma faz, empresta para as outras, e nos próximos dias já não se faz e se fica no aguardo da devolução do empréstimo de quem solicitou. Sacos de filme de PVC para envolver os doces também são emprestados, no mesmo tipo de acordo.

Assim, viajamos numa segunda-feira, 29 de fevereiro de 2016. Às 18h embarcamos no ônibus no terminal rodoviário de Cartagena com destino a essa cidade de nome peculiar. Foram treze horas de viagem de ônibus até chegar, na manhã do dia seguinte. Da rodoviária de Bucaramanga pegamos um táxi até o bairro de San Martín, onde costumam residir. Passamos vinte e dois dias lá. Durante o nosso retorno para Palenque, tive a sensação de que aquela seria a última viagem de Cata a Bucaramanga, pois estava sofrendo de dores constantes nos joelhos, nas pernas e nas costas.

Uma das perguntas que eu me fazia era: por que Bucaramanga? Por que ir tão longe? Essa indagação surgiu quando me encontrava na última parte da pesquisa etnográfica que seria acompanhá-las fora de Palenque, porque até então, só as acompanhava trabalhando na comunidade e nas cidades pequenas do entorno, mas não numa cidade distante onde a volta não se podia realizar no mesmo dia para seus lares. Creio que depois passei a entender que essas mulheres são desbravadoras, como me disse Flor María, pois era necessário “sair para aventurar, buscar onde vender”. Era necessário para elas aventurarem-se por caminhos cada vez mais distantes de seu *pueblo* para expandir suas produções e alcançar outros tipos de clientela e conseqüentemente ter dinheiro para a sua família, já que muitos de seus membros dependem exclusivamente do trabalho delas. Catalina disse-me que no ano de 2003 havia mais de cinquenta mulheres de Palenque trabalhando somente em Bucaramanga, um número significativo. Em 2016, esse número não chegava a vinte, durante o período presenciado. A pergunta que fiz para elas sobre por que Bucaramanga tentei também fazer para mim. Eu poderia ter ido para Sincelejo, que é mais próximo e que recebe outras tantas mulheres. Entretanto, a cidade de Bucaramanga era acionada diversas vezes nas narrativas, o que se soma ao fato de que eu fui desenvolvendo mais proximidade com mulheres que trabalham lá.

Um dos conselhos iniciais que Cata me deu, logo que chegamos à casa em Bucaramanga, foi que “eu não me assustasse com os gritos”, no caso, aqueles trocados entre elas na casa. Quando chegamos havia quatro mulheres na residência: Ismenia, Tia Luzia, Bernada e Lúcia Helena, e três dias depois chegaram as irmãs Geny e Robita, totalizando conosco oito mulheres. Elas se localizam em San Martín (um bairro

periférico cujos becos e escadarias lembram as configurações residenciais precarizadas das favelas do Rio de Janeiro) desde a segunda vez em que um grupo de mulheres de San Basilio pisou em Bucaramanga, na década de 1990, sendo que na primeira vez se hospedaram no centro da cidade. Nesse mesmo bairro havia mais duas casas em que viviam outras palenqueras: uma na parte alta do bairro, onde moravam três mulheres, e outra na parte baixa de San Martín, hospedando mais três. Conheci a residência e as mulheres que moravam na parte baixa de San Martín, especialmente Ilda, cunhada de Catalina. Ilda mora no sótão de uma casa residida por uma família natural de Bucaramanga. Para ter acesso à parte de cima é necessário subir uma estreita escada após atravessar a sala e a cozinha da casa principal. O espaço em que as três mulheres moram é muito pequeno, havendo apenas uma cozinha improvisada para realizar seus ofícios com um minifogão de duas bocas. As que moram na parte alta do bairro frequentemente passavam na nossa casa para encomendar algum tipo de matéria-prima ou então para conversar brevemente.

Nós também residíamos na parte alta de San Martín. A casa tinha três quartos: dois deles usados para dormir e um utilizado para guardar os doces e os utensílios empregados no processo de sua preparação. Além dos quartos havia uma sala, uma cozinha e um banheiro. A sala também é utilizada para estacionamento ou “guardar motos” de homens moradores da vizinhança que pagam uma quantia mensal para a mulher que aluga a residência. O ato de colocar e retirar a moto origina incômodo, especialmente quando elas necessitam de espaço para produzir. Um desses homens possuía a chave da nossa casa, questão que nos causava certa sensação de insegurança – eu me senti particularmente vulnerável um dia que permaneci sozinha na casa e ele entrou mesmo sem ter ido buscar ou deixar a moto.

Eu dormia com duas mulheres em um dos quarto, no outro dormiam quatro, e, por falta de espaço, uma delas passou a dormir no chão da sala – dividindo o espaço com as motos. Os pisos do quarto e da cozinha não tinham revestimento em cerâmica, apenas os da sala e do banheiro. Durante a noite os quartos eram extremamente calorentos devido ao intenso uso do fogão – que ia até às 21h – somado à infraestrutura da casa revestida por telhas de amianto e à ausência de ventilador. Cata quis comprar um ventilador e dividir os custos da compra coletivamente, mas as outras companheiras não concordaram.

Os quartos tinham portas que ficavam fechadas com cadeado. Após as nossas saídas e a cada dia deixávamos a chave da casa e dos quartos em uma tenda na esquina, cuja dona era uma mulher. As palenqueras deixavam a chave ali pois confiavam na senhora e só havia uma cópia da chave, assim quem chegasse primeiro ou saísse por

último comumente deixava a chave com ela. A casa não tinha televisão, rádio ou máquina de lavar, apenas um liquidificador e uma geladeira (de propriedade da dona da residência, que morava na casa contígua e tinha livre acesso ao uso da casa onde estávamos).

Sem camas, dormíamos no chão sobre os colchonetes que levamos na viagem, duas mulheres dormiam sobre caixas de papelão cobertas com uma colcha grossa. Ainda em Palenque, Cata comentou comigo que alguns anos atrás elas viajavam sem colchonetes e que passaram a levá-los após um “esporro” de Flor María, já em Bucaramanga: *“ellas no eran cerdas, ni animales para quedarse durmiendo en el suelo puro sin nada”*. Se em Palenque elas dormiam em excelentes camas, disse Cata, não fazia muito sentido não se cuidarem em outras circunstâncias, já que passavam a maior parte do tempo fora e era necessário dormir bem.

Na cozinha havia um tanque de lavar roupa do lado de um fogão industrial com duas bocas. Uma divisória separava a pia de lavar louça e outra parte da cozinha, que abrigava outro fogão industrial de duas bocas. Enquanto em Palenque não se faz uso do fogão comum para a feitura de doces, mas do fogão a lenha, nos locais de viagem não existem os fogões a lenha e quando há, são comuns as reclamações dos vizinhos pela fumaça emitida. Assim, nessas ocasiões elas comumente dividem o valor de um fogão e o compram.

O aluguel deste imóvel custava 400 mil pesos colombianos (algo em torno de 600 reais). As diversas contas – o próprio aluguel, a luz, a água e o gás, assim como os materiais de higiene e de limpeza – eram divididas entre todas. Para a alimentação cotidiana diariamente era feito um rateio para comprar a comida e a cada dia uma mulher ficava responsável pelas duas refeições diárias realizadas na casa, uma por volta das 10h da manhã e a outra por volta das 20h da noite, incluindo as compras dos alimentos necessários para esta preparação, informando posteriormente ao grupo o custo das despesas (geralmente a alimentação diária interna não ultrapassa o valor de dez mil pesos<sup>10</sup> colombianos para as duas refeições). Ocorria o mesmo com a limpeza da casa: a cada dia uma mulher era a encarregada de limpar a sala, a cozinha e o banheiro. Como nem sempre todas retornam a Palenque ao mesmo tempo – algumas ficam semanas ou meses a mais –, elas calculam os gastos de água, luz e gás contando os dias exatos de permanência.

Dessa vez em Bucaramanga, apenas três das sete mulheres da nossa casa (Catalina, Bernada e Tia Luzia) retornaram para Palenque a tempo de passar a Semana Santa com os familiares. As demais retornariam no início de junho, mês em que se celebram as

festividades do padroeiro local, San Basílio, que dá o nome à comunidade. O retorno para seus lares coincide com as datas festivas e com os feriados nacionais. Por tal, comumente estão em Palenque no início de janeiro, na Semana Santa em março, na festa do Padroeiro em junho, na festa do festival dos tambores em outubro e nas festas de fim de ano em dezembro. Aquelas que seguem esse calendário de forma rigorosa só permanecem em Palenque por quatro meses, sendo que nos outros sete ou oito meses do ano trabalham incessantemente.

A rotina de trabalho em Bucaramanga começa cedo. Acordam entre 5h e 6h de segunda à sexta, e às 5h nos finais de semana, quando a rotina de trabalho é mais intensa, pois percorrem bairros que não costumam visitar nos dias úteis e porque no sábado e domingo passam o dia todo caminhando, precisando, portanto, de mais produção. Assim que acordam, começam as providências para a feitura das cocadas brancas, cocadas negras, de abacaxi, de doce de leite, *caballito* ou *cabello de angel* (doce de mamão), doce de tamarindo, *enyucados* e *alegrías*. Cada tipo de doce envolve um processo distinto, exigindo um saber-fazer e um horário específico. O *caballito* e o doce de tamarindo, por exemplo, geralmente são feitos de manhã, as cocadas negras em sua maioria são feitas à noite. Diante dos preços e escassez de alguns produtos, as mulheres improvisam com as matérias-primas existentes e adicionam outras complementações, como banana e cenoura, para dar mais consistência e durabilidade às cocadas. Bolas de tamarindo e doces em forma pastosa somente encontramos em Bucaramanga e em Barranquilla. São setes mulheres que fazem isso todos os dias com apenas quatro bocas de fogão, usadas também para atender à necessidade de cozinhar a sua alimentação antes de sair para a *calle*.

Pela manhã, às 9h, passa um rapaz recolhendo as “diárias”, que são os empréstimos financeiros contraídos por elas a fim de dar um pontapé inicial ao negócio, ou seja, dívidas que serão pagas diariamente, em cotas diárias de quinze a trinta mil pesos. Graças a esses empréstimos elas conseguem comprar os insumos para a fabricação inicial dos doces. Trata-se de um esquema de endividamento feito com um “paga-diário”, sistema de empréstimos ilegal<sup>11</sup> que possui suas informalidades e obrigações. As duas mulheres que chegaram por último solicitaram inicialmente 700 mil pesos emprestados, mas logo depois se arrependeram e pediram para ficar com apenas 300 mil pesos, manifestando o desejo de devolver o restante. O rapaz se negou a atender o pedido e as obrigou a manter o valor inicial combinado. O dinheiro pago é fruto da venda dos doces e a quantia devolvida varia de acordo com o valor solicitado. Se solicitaram 500 mil pesos terão que reembolsar 700 mil pesos colombianos, isto é, os juros são altíssimos. O rapaz deixa a sua moto em frente à casa, adentra na sala da casa e

vai recolhendo o dinheiro enquanto elas cozinham os doces, ele anota o valor do pagamento de cada uma e lhes entrega o comprovante.

Entre os personagens que circulam pela casa estão os fornecedores de grandes quantidades de cocos, que chegam à casa tanto na parte da manhã quanto da noite. Os cocos são comprados coletivamente, assim como é coletivo seu recebimento, cada uma informando a quantidade de que necessita e pagando o valor correspondente. Esses contatos foram estabelecidos durante anos, e na rotina diária uma delas se encarrega de ligar para os fornecedores e de anotar o pedido das demais. As pequenas quantidades de abacaxi, mamão e macaxeira são compradas nas pequenas tendas na vizinhança ou ao final do percurso de venda nas feiras livres e supermercados. O açúcar, por sua vez, é sempre comprado em grandes quantidades no supermercado e em regra é levado à casa por uma delas, para a posterior divisão dos custos.

Quase todas saem para a rua no mesmo horário, às 10h30, com exceção de Ismenia, que sai um pouco antes. Por volta das 10h comíamos um café da manhã reforçado com arroz, carne ou frango, verduras e um suco, que representava praticamente o almoço, já que a próxima alimentação seria feita por volta das 20h, desta vez com peixe, arroz, macaxeira ou uma sopa. Algumas têm o costume de levar parte da primeira refeição em um saquinho para comer em algum momento na rua. Com o passar dos dias eu passei, em vez disso, a levar minha comida para a rua e tomar um café da manhã mais leve em casa.

Geny, Robita e Bernada saem em conjunto, pois trabalham em localidades próximas, dividindo o táxi e o custo do percurso. As que trabalham em regiões distintas, como Ismenia, Lucia Helena, Catalina e Tia Luzia se locomovem individualmente. Todas pegam um táxi para chegar até o destino de trabalho, à exceção de Tia Luzia, que caminha até o ponto de um ônibus e assim se transporta. Diariamente, gastam em táxi em torno de cinco mil pesos para ir e mais cinco mil pesos para retornar à casa.

Ao regressar da *calle*, por volta das 18h/18h30, antes de comer e de tomar banho, as mulheres voltam às suas panelas para começar tudo de novo. Estrategicamente, antes de sair de casa, deixam suas panelas com o açúcar e com o coco ralado em cima do fogão, para acrescentar o leite e iniciar o processo assim que chegam na residência. As cocadas que não foram vendidas são postas novamente no fogo para cozinhar junto das novas. Deixar a panela pronta é também um mecanismo de segurar sua vaga no fogão. Por vezes uma fica de olho na panela da outra ajudando a mexer, cuidando mutuamente do produto, avisando: “isso aqui vai queimar”, “de quem é essa panela aqui?”, “eu estou mexendo”. Todo o processo obedece a tempos que devem ser respeitados para diminuir

a possibilidade de conflitos. Se alguém demora mais tempo do que o devido no fogão, recebe uma chamada de atenção para que se apresse no ofício. Constantemente era chamada a atenção de Catalina, pois diante das outras era quem realizava mais vagarosamente o serviço. Demoras e descuidos são motivos de pequenas discussões que podem levar aos gritos sobre os quais Cata me advertiu na minha chegada.

O começo da noite é bastante silencioso e, exaustas após voltar da rua, geralmente as mulheres começam a conversar depois de uma ou duas horas. É durante a noite que se passam alguns mal-entendidos, que se manifestam sobretudo pela fadiga do dia. Embora aconteçam desavenças pontuais em outros momentos do dia e que o cansaço seja perceptível em outros instantes, é durante a noite que se escutam as queixas sobre o esgotamento, assim como as explicações sobre os motivos para continuar o labor apesar disso. Também é o momento em que ocorrem as brincadeiras entre elas, em que cantarolam e brincam dizendo frases como: “cada uma tem um jeito de se deitar com o seu marido”, “como é que fulana se deita?”, para provocar o riso.

Por volta das 19h fazem apostas, chamadas de “chances”, que funcionam ao estilo de uma pequena loteria. Todas as noites, no mesmo horário, uma mulher branca da localidade, passa na casa para anotar as sequências dos números que as palenqueras lhe dizem. Todas emitem suas apostas em voz baixa para não dar às outras a possibilidade de escutarem. Cada uma delas por dia gasta em torno de dois mil pesos com as apostas.

Durante a noite, há uma maior circulação de pessoas dentro da casa. Além delas, dos homens que estacionam suas motos na sala da casa na volta do trabalho e dos vendedores de cocos, há outros rapazes que realizam o serviço de levar para a esquina da vila as grandes quantidades de lixo produzido pelas mulheres em troca de comida. Em alguns momentos, elas fazem brincadeiras entre si dizendo que chegou o namorado de “fulana de tal”. Em outros momentos surgem homens bêbados pedindo comida, elas não costumam negar o arroz que sobra ou um pouco de legumes, mas a insistência as irrita a ponto de verbalizarem que lá não há nem esposa e nem filha para eles ficarem buscando comida.

A noite em frente à casa também é movimentada pelas crianças da vizinhança que brincam nas proximidades. Alguns adolescentes carregam as compras delas até a residência e em troca recebem cocadas. Para além das vendas, os doces são utilizados pelas mulheres como moedas de troca em função de algum serviço necessário para elas, como carregar sacolas do mercado e coisas do tipo. A movimentação local também inclui os fiéis da igreja do lado que cantam em tom alto nos ritos que acontecem em dias alternados, às 20h<sup>12</sup>. Às vezes, tarde da noite, chegam pessoas querendo comprar



cocadas recém-feitas. Essas visitas causam certa aceleração dos ritmos normais da casa, especialmente quando são homens desconhecidos. Durante minha estadia isso aconteceu pelo menos três vezes, momento em que elas fecharam a porta dos quartos e apagaram a luz. Uma vez eu estava no quarto trocando de roupa e Ismenia apagou a luz e trancou a porta, me deixando do lado de dentro. Depois, quando o rapaz não estava mais lá, ela acendeu a luz novamente e destrancou a porta do quarto. Essa reação de fechar a porta dos quartos é uma forma coletiva de cuidado mútuo entre as mulheres, cuidado do qual eu participei durante o tempo em que as acompanhei e que me fez perceber nitidamente as questões que elas percebem como riscos decorrentes da viagem, do trabalho, de estarem em um território desconhecido e de estarem “sem homens” por perto, isto é, sem esposos ou maridos que possam garantir alguma segurança, mesmo que no plano simbólico, em relação aos outros homens que com certa fluidez tinham acesso ao espaço doméstico da casa. Havia uma preocupação também porque o dinheiro arrecadado ficava entre os objetos pessoais de cada uma em seu quarto.

Os momentos de tensão na casa ocorrem geralmente devido a um utensílio de uso essencial que desaparece, a um pedido de compra errado, à demora no uso do fogão, à escolha de quem irá cozinhar as refeições coletivas. Uma das desavenças que presenciei se deu entre Lúcia Helena e Catalina justamente pela decisão a respeito de quem cozinhar no dia seguinte, levando em conta a negativa de ambas. A exaustão e a obrigação de fazer as cocadas as levam a oferecer recusas que ao final das contas deverão ser negociadas: desejando ou não, todas têm a sua vez, e fazer a comida do grupo é fundamental para a organização do cotidiano, o cuidado coletivo e a manutenção de solidariedade entre elas.

Estando com elas eu ajudava nos cuidados da casa, varria, passava o pano no chão, lavava o banheiro, lavava a louça, lavava a cozinha. Só não cozinhava, mas ajudava a cortar as verduras preparando a salada. Tinha que manter minhas mãos ocupadas também. Ajudei a tirar a casca do coco e a ralá-lo, a descascar o mamão, algumas vezes mexi a panela dos doces, embora elas dissessem que eu não tinha tanta destreza, e me chamavam constantemente para embolar as *alegrías*, pois nessa função eu era eficiente. Mas, na verdade, eu fui poupada do trabalho pesado. Apesar de minha iniciativa em ralar o coco, e de fazê-lo em algumas ocasiões, elas insistiam em que eu poderia ralar a ponta dos dedos da minha mão. Tampouco tinha a capacidade corporal que elas têm desenvolvido de caminhar com dezenas de quilos de peso na cabeça. Assim, eu passei a realizar o que as crianças, os jovens ou os filhos faziam para as mães ou para as vizinhas em Palenque de San Basilio: os “mandados” nas tendas próximas, comprando produtos como leite, sal, banana, abacaxi, abacate ou qualquer outra coisa de que necessitavam.

Bernada me chamava de *la niña* Samara, fato que continha implicações no dia a dia, pois ser uma *niña* pressupõe demandar proteção e cuidado e ter pouca autonomia. Nesse processo, me ensinavam como eu deveria fazer as coisas, como cozinhar, como cortar as verduras para fazer as saladas das refeições. Elas eram prestativas em relação a mim, se comiam algo tratavam de dividir comigo e não me deixavam comer poucas quantidades, me davam muitos doces, perguntavam como havia sido o meu dia de trabalho. Proíbiam-me de tomar banho assim que chegava do dia de trabalho na rua, sob a justificativa de que meu sangue estava quente e a água do banho fria, pelo qual um choque térmico poderia causar algum dano à minha saúde. Em diversos momentos tive que tomar banho escondida, e certa vez, quando elas perceberam, exclamaram que não havia necessidade de tomar banho, pois eu não iria me deitar com nenhum homem, pois éramos somente mulheres na casa. A cada uma delas eu ajudava no dia a dia na rua, ora carregando o seu banquinho de plástico, ora ajudando a servir e a vender para os clientes, ora atendendo algum pedido que elas me solicitavam, como comprar produtos no mercado. Também eu sempre dividia os custos do táxi.

A rotina se desenhava de forma exaustiva. No início do trabalho de campo na casa, para lidar com pessoas que trabalham em sua exaustão humana máxima, criei estratégias para me deslocar por trinta minutos daquela rotina incessante. Acordava, tomava um café da manhã à base de pão e leite e saía para a rua, não para trabalhar, mas visando desanuviar a mente em um pequeno parque no outro lado da rua, em cujo maquinário eu ia fazer atividades físicas, trinta minutos cruciais. Fazer atividades físicas me preparava também para as pelo menos quatro horas de caminhada e para os quilos adquiridos (graças aos muitos doces) durante o trabalho de campo. Os meus trinta minutos de exercícios físicos eram o meu momento de dispersão, o momento de dispersão delas se dava por alguns instantes quando realizavam as chamadas telefônicas para Palenque enviando e recebendo notícias.

Eu senti um tratamento diferenciado, por sua vez, por parte da mulher que alugou o imóvel para elas, que manifestou surpresa e interrogações sobre minha presença com as palenqueras. As atitudes que ela tinha comigo e não com as outras mulheres, advinham sobretudo da minha tonalidade de pele – mais clara que a do restante das mulheres – e da minha estrangeiridade. Em dada situação, por motivo de saúde, fiquei dois dias em casa. As minhas mães palenqueras<sup>13</sup> deixavam comida pronta para que na hora em que eu quisesse almoçar pudesse fazê-lo. Certo dia, mesmo sabendo que eu estava em casa e que tinha comida disponível, a vizinha e proprietária do imóvel em que vivíamos chegou com o almoço que ela tinha preparado e disse: “come esse aqui que é mais saudável, as morenas<sup>14</sup> comem muito e comem de tudo”. Em outra situação, me

ofereceu usar sua máquina de lavar para as minhas roupas. Logo depois percebi que nenhuma das palenqueras usa a máquina da vizinha, todas lavam à mão. Dessa única vez que utilizei a máquina da senhora, eu cheguei com um sabão em pó que acabara de comprar e que é o mesmo que eu e todos usam em Palenque. Ela olhou para mim e disse: “esse sabão é das morenas, né?! Não, usa ele não, usa esse aqui”. Não me deu tempo de esboçar nenhuma reação, pois ela rapidamente já foi colocando o seu sabão na minha roupa. São situações pouco amistosas para com as “morenas”, termo recorrente de referência, inclusive entre as crianças. Essas práticas cordiais a mim oferecidas escondiam um racismo velado em relação às mulheres de Palenque e as atitudes discriminatórias se estendiam a situações diversas em que se lhes acusava de desordem, sujeira ou coisa parecida nas quais elas não estavam, de fato, implicadas. O melhor exemplo é o lixo. É sabido que a feitura dos doces produz boas quantidades de lixo, mas as mulheres se preocupavam por somente colocar o lixo fora de casa, e nos lugares certos, nos dias em que acontecia a coleta. Entretanto, eram frequentes as reclamações por parte da vizinhança sobre lixos que supostamente haviam sido colocados no lugar errado e que causariam incômodos ali nas residências próximas. Isto é, quando houvesse alguma sujeira fora de lugar, a culpa era, inevitavelmente, a elas imputada.

Recupero nesse momento alguns “*flashes*” relativos ao trabalho na rua e a suas experiências. Justamente por serem *flashes*, não pretendem ser exaustivos, mas funcionar como uma espécie de fragmentos fotográficos da vida e dos percursos das mulheres.

Catalina, 57 anos, trabalha em um bairro comercial que conta com redes de supermercados, clínicas de saúde e lojas de roupas. No nosso percurso, ao descer do táxi, nos fixamos por vinte minutos em uma avenida movimentada para aproveitar as pessoas que estão transitando, logo em seguida vamos para a frente de uma clínica médica. Já em frente à clínica, Catalina pega o seu banquinho de plástico e coloca a bacia de alumínio com os doces sobre o banquinho, e assim fica atrás dos seus produtos e de frente para as pessoas que estão saindo da clínica, é nesse momento que anuncia os doces e convida os clientes a comprá-los.

O percurso que realiza tem diversas pausas, me explicou que antes andava mais, contudo, a idade já não permite. Contou que quando era mais jovem, há pelo menos 15 anos, tinha disposição para subir as ruas íngremes de Bucaramanga com a bacia de alumínio na cabeça. Em nosso percurso nós passávamos por ruas muitos íngremes ou cheias de escadarias, que ela apontava e dizia: “isso ali eu caminhava e subia tudo, agora as minhas pernas não me deixam mais”.

As relações entre clientes e vendedora se mostraram um pouco distanciadas e menos amistosas em comparação com as que vivenciei com Sol em Turbaco<sup>15</sup>: em Bucaramanga, nós não entrávamos nas casas das pessoas, não nos ofereciam água ou o banheiro para ser utilizado, essa proximidade não existia. Até porque em dias de semana a circulação se dava em um ambiente comercial, e nos finais de semana saíamos a caminhar por bairros residenciais de classe média nos quais não havia convites de nenhuma ordem. Tínhamos somente a presença de segurança privada, realizada por homens que ficavam observando e seguindo os nossos passos. Recordo que na primeira ida levei minha câmera fotográfica, Catalina disse para eu não tirar fotos daquelas ruas, porque poderíamos ser confundidas por pessoas que estavam querendo assaltar as residências, o que foi verbalizado por uma mulher que olhou para nós dizendo que havia pessoas parecidas conosco que estavam vendendo produtos e que depois assaltavam as casas. Pessoas parecidas conosco significa pessoas pretas? Imaginei que sim. A minha presença nesses bairros era vista de modo desconfiado, por vezes eu me posicionava distante da Catalina para ela ficar um pouco mais à vontade e, quando fazia isso, as pessoas perguntavam a ela quem era aquela menina que ficava olhando. Catalina respondia: “ela está me ajudando, não tem problema não”.

Nas vias em que transitávamos, as pessoas fixavam o olhar para Catalina com expressões que indicavam, na maioria das vezes, perturbação ou incômodo. Uma perturbação ao visualizar um corpo de mulher negra em circulação numa cidade de maioria branca. Apesar de elas trabalharem em Bucaramanga há pelo menos duas décadas, as atividades e práticas racistas ainda são recorrentes. As pessoas costumam muitas vezes parar e observar com um olhar incomodado que denota nojo, desprezo e zombaria. Certo dia, dois homens dentro do carro ficaram rindo e fazendo movimentos de cabeça imitando a forma com que Cata costumava andar sustentando o peso dos doces na cabeça. Em outro momento uma senhora mais velha parou espantada de frente para Catalina e a seguiu com o olhar até dobrar a rua. Não se trata de casos isolados, no cotidiano de outras mulheres ocorrem fatos semelhantes. São experiências de humilhação social em função de atitudes racistas.

Robita, 36 anos, acredita que Bucaramanga é uma cidade racista. Ela me disse que até as crianças se *burlan* dela, a julgar pela forma como a olham e tratam. Essa afirmação foi acompanhada por um relato sobre como essas práticas racistas são vivenciadas e os modos como elas reagem a tal, e nos conta sobre os modos como se é e se vive como mulher a partir do racismo:

Había un señor que tenía taller como de siete u ocho cuadras, todos los talleres eran de él, y que cuando yo llegaba y bajaba mi ponchera él siempre se burlaba de mí porque siempre uno consigue alguien que le llama la atención algo de uno, me decía: ese pelo tuyo es como el brillo fino, ese brillo así esponjoso, yo decía si, y me respondía ¿tú no te molestas? ¿Por qué? Si, mi pelo es así, él me decía porque tu pelo lo tiene el carnero, yo sí, y el tuyo lo tiene el chivo, el gato, la gallina, el pato él me decía pero, ¿no te molestas? Yo decía no, ¿por qué? Si mi color de piel es diferente a la tuya, mi pelo tiene que ser diferente al tuyo, yo tengo una sangre del color de la tuya, pero mi piel es diferente y yo respeto tu físico, yo necesito que respetes el mío. (Robita Pérez, Bucaramanga, março de 2016).

Os deslocamentos carregam consigo momentos de tensão e insegurança. A maior parte delas apresenta narrativas que sinalizam os perigos e embaraços de se trabalhar na rua e, não menos importante, de morarem somente mulheres numa casa. Casos como os de Rosa Padilina e Miladi Salgado são exemplificações trágicas de palenqueras que saíram para as ruas das cidades colombianas e nunca regressaram para casa, uma foi assassinada e a outra desapareceu. Esses casos tomaram como justificativa que essas mulheres estavam transitando por cidades a serviço de um grupo armado, foram “confundidas”.

Outra situação difícil são os assédios sexuais que são maiormente vivenciadas pelas mais novas. Retratam o quadro em que se persegue o imaginário da mulher negra sensualizada e acessível sexualmente. Isso perpassa desde situações onde o assédio ocorre quando um homem saca seu pênis para fora de sua roupa até verbalização e demonstração de dinheiro em espécie para a prática sexual. A vulnerabilidade e o lidar com assédio são partes integrantes da rotina e do aprendizado constante de se livrar dessas situações; o saber lidar com circunstâncias limítrofes que envolvem a integridade física e psicológica marca a trajetória de vida dessas mulheres. Quando ocorreu o primeiro assassinato e depois o desaparecimento acima mencionados, todas as mulheres que trabalhavam na localidade regressaram e passaram a evitar cidades em que o conflito armado fosse uma constante.

Não menos importantes são as proibições existentes em cada cidade para vendedores de rua, por isso muitas delas se utilizam da estratégia da caminhada para não permanecerem em um determinado local por muito tempo; se fixar implica muitas vezes serem removidas porque em todo canto *existe la mala gente*. É um agente de segurança pública que inviabiliza e pode confiscar seu material de venda, é um dono ou funcionário de uma loja que não quer que elas circulem nos entornos e nas calçadas do

estabelecimento, são os riscos de roubos, assaltos e não pagamento do que se compra. A mobilidade é crucial nesse momento.

Não quero congelar o racismo como um risco, mas como prática institucionalizada que afeta as pessoas e as instituições. Nos locais em que essas mulheres circularam, se somam também as situações de racismo vivenciadas por elas. Flor Maria relatou que as pessoas as tratavam como “cachorros”, com um olhar de desconfiança, as chamavam de “negritas” de forma pejorativa. Os habitantes locais recusavam-se a recebê-las em casa quando estavam à procura de moradia para alugar, as destratavam, chamavam de fedorentas, feias e devido à recusa de aluguel elas passaram várias noites dormindo nas rodoviárias. A lembrança deste tempo é acompanhada por lágrimas nos olhos.

## **Considerações finais**

As mulheres negras palenqueras migram constantemente em busca de trabalho e de uma melhor qualidade de vida e estes deslocamentos também são constituintes das relações familiares, uma vez que a migração tem um valor para os sujeitos. Até mesmo quando estava em trabalho de campo em outra cidade, as mulheres residentes em uma determinada casa, todas palenqueras, quer possuíssem laços de consanguinidade ou não, naquele momento eram – éramos – todas parentes, pois estávamos desempenhando tarefas semelhantes: estávamos viajando não para “turistar” e sim para trabalhar, e ali, compartilhando afazeres cotidianos, praticamente iguais todos os dias, estávamos fazendo família mesmo em um lugar distinto do de origem.

O deslocamento para outros estados da Colômbia e para países vizinhos, como a Venezuela ou o Equador, oferece a estas mulheres uma visão ampliada de mundo, distinta daquela de seus maridos e de outros familiares. Elas se tornam agentes de suas ações cotidianas. Parafraseando a antropóloga paquistanesa Saba Mahmood: a agência não é simplesmente um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas sim uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas (MAHMOOD, 2006, p. 123). A autora traz um discurso positivo de estar e habitar o mundo, na busca de formas de agir dentro de um ambiente de adversidades. Se o trabalho é duro, ainda assim elas decidem aonde ir e quanto tempo permanecer, e escolhem o momento favorável para um breve descanso. Isto remete também à pergunta de Anne McClintock (2010): quais são as possibilidades de agência

em contextos de extrema desigualdade social? As possibilidades para uma possível agência se fazem mapeando rotas, caminhos e trajetos já enfrentados por outras mulheres diante de um leque limitado de possibilidades. É na certeza de que as amigas e familiares obtiveram êxito nessa investida que elas se lançam diariamente no universo da rua onde comem, trabalham, dormem de exaustão, estabelecem relações que possibilitam a permanência em outra cidade, relações que se dão com as pessoas na localidade onde circulam e relações entre elas, relações de cuidado, solidariedade, afinidades, desavenças e afetos.

Refletindo sobre o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva plena de significados, o trabalho que pode causar sofrimento, aludindo à fala de Catalina, que se torna escrava dos doces, esse sofrimento poderá se transformar em prazer pela utilização de suas competências e liberdades individuais; o trabalho é aquilo que pode transformá-las em protagonistas no processo de manutenção histórica de si e das suas famílias negras. Surge assim a capacidade das mulheres negras de transformar a natureza da dor vivida numa geradora de significados como possibilidade de autonomia que confere sentidos positivos ao seu fazer. Deste modo, as vendas dos doces se tornaram um artefato que as mulheres negras palenqueras encontraram para ressignificar o trabalho, como forma de trazer dignidade e prosperidade à família negra na sua localidade. O trabalho se apresenta para elas como fonte de satisfação, realização de tarefas, ato criativo; enfim, elas produzem para atender às suas necessidades, como comer e vestir, é o meio de sobrevivência da família e também uma conquista de sua autonomia e autoestima. O trabalho para elas significa o próprio ato de viver, são tecnologias do viver.

As mulheres negras se reconhecem socialmente como provedoras, como sujeitos que cuidam e precisam dar conta de outrem quando aqueles estão numa situação de não produção – seja por incapacitação física, temporária ou não, seja por estarem fora do mercado de trabalho, seja porque se trata dos próprios filhos –, o que fundamenta a representação mental que nutrem de si mesmas e influencia seu bem-estar.

As palenqueras tiveram um papel econômico fundamental no processo de circulação mercantil da produção do espaço agrário, pois foram elas que passaram a comercializar os produtos advindos da plantação de seus maridos. São elas que saem para a *calle* para vender os produtos e que assumem papéis decisivos na organização socioeconômica das unidades domésticas.

A mulher palenquera é uma gestora de uma economia criativa, concordando com as ideias da filósofa María Lugones (2008) a respeito da divisão do trabalho como sendo completamente racializada e diferenciada geograficamente. No centro da complexa realidade socioeconômica e racial do contexto pesquisado – mas também de inúmeros lugares com presença de pessoas da diáspora africana – a mulher negra continua sendo responsável pela família, sendo mãe, educadora, subempregada urbana, comerciante informal.

O trabalho dessas mulheres comerciantes abriu espaços para que outras mulheres pudessem se dedicar a outros tipos de investimentos laborais. É crescente o contingente de mulheres palenqueras advogadas, pedagogas, enfermeiras, médicas, arquitetas, fisioterapeutas, cientistas sociais, professoras ou assistentes sociais, exercendo distintos ofícios, e se distanciando assim das atividades laborais recorrentes das mulheres de suas famílias, isto é, das mães e das avós. Trabalho é uma categoria importantíssima para elas, pois é necessário *salir adelante*; a ascensão social familiar é conquistada através do trabalho, revelando, por sua vez, um protagonismo e uma capacidade de liderança feminina negra diante da escassez econômica, social e laboral.

A expansão dos doces e a circulação das palenqueras para outros territórios exigiram habilidade para lidar com uma nova realidade. Além da coragem e do “desprendimento” para explorar novas rotas comerciais, as mulheres se fortalecem entre si por vínculos de cuidado mútuo e mecanismos de alerta permanente, especialmente quando se trata de trabalhar nas ruas de cidades distantes que requerem redes de proteção. As formas em que esses cuidados se dão coletivamente não são necessariamente carentes de conflitos. Mas até onde pude observar, os conflitos eram resolvidos de modos corriqueiros, até em função de laços de proximidade, ora consanguínea, ora regional, ou pela identificação decorrente de serem mulheres negras do Palenque em uma situação de trabalho difícil comum a todas. Afinal, todas estavam em uma mesma condição, passando pelos mesmos perrengues, perseguindo os mesmos objetivos: retornar ao povoado com presentes e dinheiro que ajudasse no sustento familiar.

Mas também havia entre elas o reconhecimento mútuo de que seu esforço tinha um valor, uma espécie de virtude feminina associada ao esforço e à busca por autonomia. Flor María chegou a me dizer que o meu trabalho parecia com a atividade laboral das comerciantes de doces, no sentido de que eu, assim como elas, viajava para lugares desconhecidos, lidava com pessoas com as quais não tinha familiaridade,



deixando para trás meus familiares e amigos, para “tentar a sorte” em outra localidade no intuito de trabalhar, e com o resultado do trabalho retornar para casa.

Neste breve artigo procurei discorrer sobre o ofício de mulheres negras oriundas de San Basilio de Palenque, no Caribe colombiano, seguindo as rotinas que o trabalho exigia delas. Nesse processo de circular com as mulheres e acompanhar sua trajetória laboral pude adentrar em um universo que confere às minhas interlocutoras sensações de satisfação e de exaustão simultaneamente. Foi por meio desses repertórios ambíguos, de satisfação e de exaustão em relação ao trabalho, que passaram a reverter quadros historicamente localizados como aqueles citados logo acima, como os de discriminação e desvantagem econômica.

As mulheres palenqueras envolvidas no desenvolvimento de doces tradicionais foram ao passar dos anos reconhecidas como símbolo da cultura do Caribe Colombiano. O trabalho com os doces se apresenta como mediador e constituidor da vida social palenquera. Os mecanismos de negociação acionados nas vendas, nas viagens, nas trocas, na relação com a clientela, são circuitos constituídos por relações que são econômicas, mas também pautadas por relações pessoais, de parentesco e de afinidade. Essas mulheres constituem seu ofício por meio de uma íntima relação com o espaço público e sua clientela, transformando o primeiro em um lugar onde se tecem intensas e significativas sociabilidades e confrontos. Assim vão construindo suas concepções de mundo: ser palenquera é uma forma específica de ser, estar e agir no mundo.

## Notas

1. Esse artigo é parte resultante do trabalho de campo para a produção da tese de doutorado em Antropologia Social defendida no final de 2018 no Museu Nacional/UFRJ, sob a orientação da professora María Elvira Diaz Benitez. A pesquisa etnográfica se deu entre setembro de 2015 a junho de 2016, no Palenque de San Basilio e com breves estadias nas cidades de: Cartagena, Bucaramanga, Bogotá e Barranquilla. A tese discorreu sobre os trânsitos, as trajetórias e os agenciamentos laborais que foram vitais para a permanência e re-existência social das mulheres negras de San Basilio de Palenque e de suas famílias. São mulheres *dulceras* que trabalham vendendo diversos tipos de doces em territórios colombianos e em países fronteiriços. A comercialização dos seus produtos é, na maioria das vezes, a principal fonte de renda familiar, e seus corpos são utilizados como veículo e propaganda dos mesmos. A partir da imagem das mulheres negras palenqueras, que se tornaram símbolo da representação turística para além das fronteiras nacionais, a tese discute também sobre a fetichização do corpo negro em relação a

imaginários coloniais que falam a respeito de força, sexualização, fealdade, exaltação e subalternização em um movimento de aproximação e afastamento.

2. Os doces comercializados são: cocadas, doce de mamão, doce de gergelim, bolo de macaxeira, *alegría*, à base de milho, coco, rapadura e açúcar.

3. Ver os seguintes trabalhos: Freire (2009), Freire (2012).

4. Desde o final da década de oitenta, o trabalho informal das mulheres palenqueras nas ruas de Cartagena foi considerado um empecilho pelo Estado e elite dessa capital. Acumulam-se relatos de maus tratos, agressões físicas, relatos de perseguição em referência ao seu trabalho, discriminações raciais por parte da ação coercitiva do Estado, através da polícia, e também através de vinculação de reportagens em jornal local de conteúdo racista em relação aos seus ofícios. São elencados o atrapalhar o deslocamento dos transeuntes nas calçadas do centro histórico e até mesmo um desconforto de cunho étnico/racial da presença dos corpos dessas mulheres cuja presença contrasta com os corpos dos turistas, em sua maioria brancos. Ver o trabalho do historiador palenquero Ronal Miranda (2014), *Ma muje ri palenge: La construcción de un símbolo cultural en Cartagena de índias (1975 – 1985)*.

5. Josefa Hernandez, 32 anos, se enquadra no grupo das jovens palenqueras que iniciaram a atividade laboral com os doces, por meio da mãe. Nas férias escolares, se juntava a sua mãe no trabalho. Posteriormente, exerceu essa atividade no recesso da faculdade a fim de custear o semestre letivo. Lembrando que no contexto colombiano, as universidades públicas são custeadas pelo ingressante. Hoje em dia, não trabalha mais nesse ofício, entretanto, sua mãe continua. O trabalho com os doces, para as jovens que lograram adentrar no ensino superior é visto como algo temporário, o objetivo na maioria das vezes é custear a sua carreira universitária.

6. No sentido de possuir primazia nas decisões cotidianas em seu lar. Fato exemplar, pode ser demonstrado na minha permanência em Palenque no qual morei com uma família palenquera (composta por uma esposa e o esposo e seus quatro filhos que estavam a trabalho em Cartagena e retornavam nos finais de semanas), que só foi permitida minha estadia por nove meses na localidade, após o aval positivo da senhora dona da casa.

7. Disponível em: <http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1361788>, acesso em 10 de out de 2017.

8. A sobrinha do esposo de Flor Maria, uma jovem de 20 anos, atualmente cursa medicina em Bucaramanga.

9. Durante a pesquisa, passei a circular com diferentes mulheres em territórios vizinhos a San Basilio de Palenque. Frequentava as suas casas, auxiliava na feitura dos doces, saía para vender junto a elas, na maior parte das vezes ficava responsável por carregar seu banquinho de plástico utilizado para descarregar a bacia com os doces. Em diversas ocasiões em Palenque, mais precisamente na praça da comunidade, realizava a venda dos doces de uma outra interlocutora, Andrea Simarra, 55 anos, enquanto essa senhora estava ocupada realizando os seus afazeres domésticos.

10. 1 Real Brasileiro equivale a 825,16 Pesos Colombianos em 13/12/2019.
11. Ver AVENDAÑO (2009).
12. Em uma dada ocasião, um domingo à noite, houve uma confraternização na igreja em que foram convidados os moradores locais, incluindo a nossa vizinha. Foram servidas comidas, bolos, refrigerantes, contudo “as morenas” não foram chamadas.
13. Durante o trabalho de campo, fui incorporada como membro da família, pois estava compartilhando ações e relações de trocas com as pessoas com as quais residia. Era recorrente escutar de Flor María, uma mulher negra, robusta, com seus cabelos sempre trançados, referir-se a mim desta forma: “*es una hija mía*”. Processualmente, fui me tornando membro daquele núcleo familiar, seja através do alimento compartilhado, no ato de viver juntos, na realização dos fazeres domésticos, na participação dos eventos sociais da família. É o conviver junto no mesmo espaço, através dos atos e das ações compartilhados, que também constitui uma pessoa como integrante daquela família, para além dos laços de consanguinidade. Foi durante o ritual fúnebre da sua falecida mãe que esse vínculo, ainda que de forma não habitual, foi verbalizada. Durante uma conversa entre Flor e uma senhora, esta a indagou sobre quem eu seria, uma vez que sempre me via andando por aí com ela. Flor lhe respondeu que eu era uma filha, fruto de um outro casamento com um brasileiro.
14. A categoria “morena” é frequentemente acionada pelas pessoas não-negras ao se referirem às palenqueras, maiormente como pano de fundo para práticas racistas. É uma categoria que apresenta similitudes quando aplicadas no contexto brasileiro, fazendo alusão a pessoas negras. Comumente utilizada como forma de atenuação de um suposto sentido negativado e pejorativo sob o ponto de vista daqueles que enunciam, em relação à categoria “negra”. No Brasil, é recorrente escutarmos: “Ah, você não é negra, é morena, moreninha”.
15. Sol María, 49 anos, desde os 19 anos trabalha vendendo doces, outra interlocutora da pesquisa na qual pude acompanhar suas idas para o município de Turbaco que fica distante 40km de Palenque. As idas para Turbaco ocorreram nos finais de semana nos meses de novembro e dezembro de 2015.

## Referências:

ABU-LUGHOD, Lila. *Veiled sentiments: honor and poetry in a Bedouin society*. Berkeley: University of California Press, 1986.

ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherríe. *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table Press, 1981.

ARRÁZOLA, Roberto. 1970. *Palenque, primer pueblo libre de América: historia de las sublevaciones de los esclavos de Cartagena*. Cartagena: Ediciones Hernández, 1970.

AVENDAÑO, Mary Luz. Los dueños del “paga diario”. *El Espectador* [online], 21 jun. 2009. Disponível em:

<https://www.lespectador.com/impreso/nacional/articuloimpreso146963-los-duenos-del-paga-diario>. Acesso em: 10 out. 2017.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*, nº 2, p. 458-463, 1995.

BORGES, Maria. *Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau: cidades, comércio, associações e desenvolvimento*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001.

BRANCH, Enobong Hannah. The Creation of Restricted Opportunity due to the Intersection of Race & Sex: Black Women in the Bottom Class. *Race, Gender & Class*, Vol. 14, No. 3-4, p. 247-264, 2007.

BROWN-GLAUDE, W. *Higglers in Kingston Women's Informal Work in Jamaica*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2011.

BROWNE, K. E. *Creole Economics: Caribbean cunning under the French Flag*. Austin: University of Texas Press, 2004.

CARNEIRO, Sueli. *Gênero, raça e ascensão social*. *Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, ano 3, pp. 544-552, 1995.

DAVIS, Angela. “O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher”. In: \_\_\_\_\_. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria. Elvira. “Governo, desejo, afeto.” In: FERNANDES, Camila; RANGEL, Everton; LIMA, Fátima (Orgs.). *(Des)Prazeres da Norma*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018, no prelo.

FRIEDMANN, Nina. CROSS, Richard. *Ma Ngombe: guerreros y ganaderos en palenque*. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1979.

FREIRE, Máira Samara. *Não é se associar, é se aconchegar: notas sobre o processo de reorganização política da comunidade quilombola de Capoeiras*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

FREIRE, Máira. *É a luta da gente!: Juventude e etnicidade na Comunidade Quilombola de Capoeiras (RN)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

FREIRE, Máira. Doce, suor e lágrimas: trabalho e gênero em uma comunidade negra do Caribe Colombiano (San Basílio de Palenque). Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2018.

HILL COLLINS, Patricia. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (ed.). *Feminismos negros: uma antologia*. Madrid: Traficante de sueños, 2012. p. 99-134.

HOOKS, bell. Homeplace [a site for resistance]. In *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South end Press. 1990.

HOOKS, bell. *Feminism is for everybody: passionate politics*. London: Pluto Press, 2000.

LORDE, Audre. “Age, race, class and sex: women redefining difference”. In *Sister outsider: Essays and speeches*. Freedom, CA. Press, 1984. pp 114-123.

LOZANO LERMA, Beth R. Mujeres negras (sirvientas, putas, matronas): Una aproximación a la mujer negra de Colombia. *Temas de nuestras Américas: Revistas de Estudios Latinoamericanos*, v. 29, n. 49. 2010.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, n. 9, jul.-dec. 2008.

McCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito libratório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, X, pp. 121-158, 2006.

MARQUEZ, Edith Reyes. La mujer negra en Colombia. *Chimamaya – Expresión del pensar femenino*, n. 9, Barranquilla, nov. 1992.

MASSIAH, Joycelin. *La Mujer como jefe de familia en el Caribe: estructura familiar y condición social de la mujer Las Mujeres en la perspectiva mundial*; Paris, UNESCO, 1984.

MIRANDA, RONAL. *Ma muje ri Palenque: La construcción de un símbolo cultural en Cartagena de índias (1975 – 1985)*. Trabalho de conclusão de curso em História. Universidade de Cartagena, Cartagena, Colômbia, 2014.

NAVARRETE, María Cristina. *Historia social del negro en la colonia*, Cali: Universidad del Valle, 1995.

REYES, Edith. *La mujer negra en Colombia*. Informe. Mimeo, 1992.

WERNECK, Jurema. De Ialodês y Feministas. Reflexiones sobre la acción de las mujeres negras en América Latina y el Caribe. In: CURIEL, Ochy et al. *Feminismos disidentes en América Latina y el Caribe. Nouvelles Questions Feministes*, vol 24, n. 2, 2005.

Recebido em 23 de agosto de 2019.

Aceito em 20 de dezembro de 2019.